


GUIÃO
DE
LEITURA

A man and a woman in 16th-century attire standing in a cathedral. The man is in the foreground, wearing a black cap and a white ruff collar. The woman is behind him, wearing a dark dress and a pearl headpiece. The background shows the stone arches and columns of a large cathedral.

FILIPE I DE PORTUGAL

O REI MALDITO

*A luta entre a infanta portuguesa e o
Rei de Espanha pela coroa de Portugal*

 Planeta

FILIPPE I
DE PORTUGAL
O REI MALDITO

GUIÃO DE LEITURA

NOTA DO AUTOR

Caros Leitores

Todos lemos de maneira diferente e encontramos coisas diversas nas mesmas palavras, nas mesmas frases, nos mesmos parágrafos: é esse o poder dos livros. Quando chegamos à última página, já são nossos. Só nossos.

E é por isso que é tão fascinante reunirmo-nos para falarmos deles. A partir de um «enredo» comum, que no caso dos meus romances históricos é a cronologia do passado, podemos partir para a forma como cada um de nós se encontrou nas linhas e nas entrelinhas, partilhando-a. Muitas vezes não é o personagem principal que nos diz mais, mas um outro, secundário, que parece olhar a vida através dos nossos olhos. Além disso, se as nossas paixões divergem, são também diferentes os nossos ódios e embirrações de estimação, e descobrir em conjunto porque é que colam ou descolam dentro de nós — até pela ressonância que têm na atualidade — acaba por ser uma maneira de percorrermos os nossos próprios labirintos interiores.

Como autora, sempre que me encontro com os leitores, descubro mais não só acerca do livro que escrevi, e que até aí tinha a ilusão de que era só meu, como sobre mim mesma. Quantas vezes, quando me colocam uma questão, fazem um reparo ou comentam detalhes aparentemente tão inocentes como a construção de uma frase, obrigam-me a pensar de onde é que aquilo veio, porque é que está naquele lugar e não noutro, o que inspirou aquele diálogo, revelando como o pensamento e a escrita se cozinham tal como um mil-folhas.

Este meu D. Filipe, o rei maldito, contado a par e passo com D. Catarina, uma mulher tão segura de si, tão determinada e poderosa, mas a que a realidade do seu tempo impõe limitações que frustram os seus legítimos planos, tem mesmo muito «pano para mangas». Parti, como a maioria dos leitores, da estaca zero, o que quando estamos a falar do primeiro rei da dinastia filipina significa isso mesmo, pouco mais do que o nome e um conjunto de epítetos preconceituosos e deturpados por anos de «patriotismo» anticastelhano que, na realidade, vamos descobrindo que encobriram injustamente este homem. Não porque fosse perfeito, longe disso, mas porque o pintaram a uma única cor, o negro, impedindo-nos de ver as suas facetas mais fascinantes, e são muitas.

Quanto a D. Catarina, confesso que a desconhecia totalmente, assim como ao seu filho D. Teodósio, um menino de dez anos na frente da batalha mais traumatizante da História de Portugal, Alcácer Quibir. Peço-vos que imaginem a emoção de ler as cartas daquela que foi a avó de D. João IV, os pedidos de ajuda para o resgate do filho, mas também a força que coloca em cada palavra que escreve a reivindicar o seu direito à coroa, seja quando se dirige à rainha de Inglaterra ou ao papa.

Mas vamos ao trabalho. Deixo-vos algumas pistas, mas o caminho, esse, pertence-vos por direito. Boa viagem.

Isabel Stilwell

Seixo, 10 de abril de 2023

PERGUNTAS DE AQUECIMENTO ☺

1. As ideias feitas, nomeadamente que de «Espanha nem bom vento nem bom casamento», podem bloquear ou atizar a nossa curiosidade. O que sentiu perante a minha escolha de D. Filipe?
2. Dizem-nos que não devemos julgar um livro pela capa, mas pedem-nos o impossível. Como reagiu perante esta capa?
3. D. Catarina surge na capa um passo atrás do rei de Castela — quando a viu pela primeira vez, sentiu curiosidade em saber quem era esta mulher?
4. Para tornar mais fácil ao leitor conhecer melhor D. Filipe e depois D. Catarina, optei por iniciar o livro dedicando-lhes capítulos mais longos e individualizados, antes de entrar na sequência mais rápida das duas «vozes» — parece-lhe que resultou?
5. Consulta o *Dramatis Personae* antes, durante ou depois de ler o livro?

OS PERSONAGENS

1. Tinha consciência de que a mãe de D. Filipe era portuguesa e que o neto mais velho de D. Manuel foi educado por damas portuguesas, com uma ligação forte a Portugal?
2. Depois de ler o livro ficou com uma ideia diferente do rei?
3. As opiniões dividem-se sobre o papel de D. Filipe junto do seu sobrinho D. Sebastião. Com que ideia ficou?
4. Tornaram-se mais claras para si as circunstâncias que levaram o rei de Portugal a Marrocos?
5. Dou por mim a pensar nisto: a neurociência diz-nos hoje que o córtex pré-frontal dos jovens — a parte do cérebro que controla os impulsos — só está totalmente desenvolvido pelos 25 anos. E a verdade é que a maioria dos reis ou líderes políticos do passado toma decisões com impacto na vida de toda a gente numa idade inferior a esta... D. Sebastião tinha 21 anos quando começa a preparar esta cruzada e 23 anos quando morre em África. Parece-lhe que a «juventude» explica tudo?
6. Há quem diga que D. Sebastião é injustamente julgado pela História, porque, caso tivesse vencido em Alcácer Quibir, a sua «aventura» seria cantada como gloriosa e Portugal teria tido outro destino. O que lhe parece do que conhece do perfil do rei?
7. Consegui ajudá-lo a entender os dilemas e as hesitações do cardeal D. Henrique? Compreendeu-o ou desesperou-se com ele?
8. Conhecia D. Catarina de Portugal?
9. A história verídica ao pormenor de D. Teodósio e do resgate empolgou-me. E revela-nos a força da relação afetiva entre pais e filhos, que é tantas vezes desvalorizada, como se tivesse sido inventada agora. Isto porque, afinal, D. Catarina e D. João têm outros filhos varões que podiam servir a sua causa, mas não descansam até recuperarem o primogénito...
10. D. João, duque de Bragança, acaba por ser o «mau da fita», porque, embora defenda a causa da mulher, acaba por pouco se empenhar na resistência a D. Filipe — talvez fosse, afinal, o mais lúcido. O que lhe parece?

Ou prefere a tese de que um marido fraco é um azar em qualquer época, mas nesta pior ainda?

11. As cartas de D. Filipe às filhas escritas a partir de Portugal foram para mim uma enorme e deliciosa surpresa. E não só para mim, claro — ajudaram os grandes biógrafos do rei a descobrir uma outra faceta de um homem abafado pela propaganda da «lenda negra», nascida nos Países Baixos. Que impacto tiveram em si?
12. Houve um livro que me ajudou muito a «entrar» na intimidade das famílias reais deste tempo, chama-se *Nacer en Palacio*, de María Cruz de Carlos Varona (consta da bibliografia do livro), é um livro académico, mas fácil de ler e cheio de detalhes fabulosos. Ficamos a saber, por exemplo, que neste tempo se discutia muito se era mais seguro fazer-se o parto numa tradicional cadeira de partos ou com a parturiente deitada numa cama... Discussões de hoje, portanto...
13. Sabemos que D. Filipe esteve presente nos partos dos filhos e que nos de Isabel de Valois até lhe foi administrando um medicamento para as dores — até os historiadores se espantam, porque os homens habitualmente ficavam numa antecâmara. Sentiu que D. Filipe era um homem de enormes contradições?
14. E a sua opinião sobre Cristóvão de Moura, tão vilipendiado pela história pós-Restauração? Hábil, ambicioso, inteligente, sem escrúpulos, o único capaz de dizer as verdades ao rei, com um sentido de humor que desculpa o resto, como o classificaria?
15. A princesa de Eboli, o seu plano para Portugal e a conspiração com D. Catarina revelam que os bastidores são sempre muito mais interessantes do que o palco. Até hoje, os especialistas dividem-se sobre o que levou D. Filipe a agir com tamanha crueldade, emparedando Ana de Mendoza entre quatro paredes: muitos dizem que foram ciúmes, outros que agiu com frieza política, eliminando uma súbdita que conspirava com Antonio Pérez, que o desafiou até ao fim. O que lhe parece?
16. Como reagiu quando tomou consciência (se não a tinha) de que D. João IV era neto de D. Catarina e que D. Luísa de Gusmão era descendente da princesa de Eboli? E que é no seu direito ao trono que reside toda a argumentação da Restauração?